

ECONOMIA

PREVIDÊNCIA

Centrus, fundo de pensão dos funcionários da instituição, retira de seu balanço revisão de receita de R\$ 1,1 bilhão, cobrada do Banco Central. Superávit da fundação torna desnecessário o pagamento

Acordo elimina dívida do BC

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O Banco Central se livrou de uma dívida de R\$ 1,1 bilhão que vinha sendo cobrada há quase 10 anos pela Centrus, o fundo de pensão de seus empregados. O aval em favor do BC foi dado pela Secretaria de Previdência Complementar (SPC), que endossou os argumentos do banco de que não havia motivos para desembolsar tal quantia, se a fundação detém superávit (sobra de caixa) superior a R\$ 3 bilhões. A dívida, como alegava a Centrus, se referia aos custos que foi obrigada a arcar com a aposentadoria de servidores absorvidos pelo BC — principalmente os oriundos do Banco do Brasil — que não tinham contribuído para receber os benefícios. Esses servidores apareceram na folha de pagamento da Centrus até 1991, quando os funcionários do BC foram enquadrados no Regime Jurídico Único (RJU) e os aposentados passaram a ser responsabilidade do Tesouro Nacional.

O primeiro sinal de vitória do Banco Central ocorreu na virada de 2006 para 2007, quando a Centrus, depois de muita relutância, decidiu reduzir o valor da dívida para R\$ 651 milhões. A diretoria da instituição, porém, bateu o pé e insistiu que não devia nada. Em comum acordo, BC e Centrus decidiram apresentar seus argumentos à SPC, que, como órgão regulador e fiscaliza-

Monique Renne/Especial para o CB - 10/8/07



HÉLIO BRASILEIRO, DA CENTRUS: "A DECISÃO NÃO FOI UM PERDÃO DA DÍVIDA. FOI O RECONHECIMENTO DE QUE NÃO HAVIA NECESSIDADE DE ELA SER PAGA"

dor do mercado de previdência complementar, funcionou como árbitro da disputa. O parecer favorável saiu em novembro do ano passado e, no final do ano, a Centrus retirou de seu balanço a previsão de receitas com o débito. "A decisão da Centrus não foi um perdão da dívida. Foi o reconhecimento de que não havia necessidade de ela ser paga", disse o presidente da fundação, Hé-

lio Brasileiro. "O acerto foi bom para todos", complementou o diretor de administração do BC, Anthero Meirelles.

Além de não pagar a dívida, o Banco Central recebeu, segundo Brasileiro, uma devolução de R\$ 459 mil, referente ao último aporte de recursos realizado pela instituição na Centrus em dezembro de 2003. Ele ressaltou que, depois do acerto de contas, a

fundação ainda ficou com superávit de R\$ 3,38 bilhões, sobra do patrimônio depois de descontados todos os compromissos que o fundo tem com seus participantes. No total, o patrimônio da Centrus atinge R\$ 8,9 bilhões, dos quais R\$ 4,1 bilhões estão aplicados em ativos de renda variável, como ações, e o restante, em ativos de renda fixa, predominantemente títulos públicos.

Salário maior

O alívio dado ao BC será estendido aos beneficiários do fundo de pensão. A Centrus encaminhou ao banco uma proposta para zerar as contribuições que os aposentados são obrigados a fazer à fundação. Se aprovada, resultará em um ganho imediato de 7,5% no contracheque dos assistidos. A mesma proposta prevê o aumento do percentual

das pensões pagas pela Centrus. A meta é que os pensionistas passem a receber, no mínimo, 70% do que era pago em vida aos aposentados. Hoje, o piso é de 60%. "Estamos, com essas propostas, apenas seguindo a lei", afirmou Brasileiro. Pelo artigo nº 20 da Lei Complementar 109, os fundos de pensão que tiverem superávit por três anos consecutivos devem rever seus planos de benefícios, de forma a dividir os ganhos com todos os assistidos.

Outra mudança também em análise pelo BC é redução da rentabilidade mínima exigida da Centrus, de 6% para 5% ao ano, além da variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). A nova meta atuarial, na avaliação do presidente da fundação, está mais condizente com as atuais taxas de juros do país. "Todas essas medidas exigirão um reforço de R\$ 650 milhões nas reservas técnicas do fundo", destacou Brasileiro. "Esse montante leva em consideração, inclusive, a não cobrança dos aportes que o BC também deixará de fazer à fundação. Se o beneficiário não contribuirá com sua parte, também o patrocinador do fundo não será obrigado a fazê-lo", explicou. Segundo o diretor de administração do BC, todas as propostas da Centrus estão em análise, mas não há um prazo para ratificá-las. "Além do Banco Central, a SPC terá de se pronunciar", ressaltou Anthero Meirelles.

INDÚSTRIA



Sadia/Divulgação

SETOR DE ALIMENTOS E BEBIDAS, COM CRESCIMENTO DE 1%, CONTRIBUIU PARA O BOM RESULTADO INDUSTRIAL

Boas perspectivas para este ano

MARCELO TOKARSKI

DA EQUIPE DO CORREIO

A indústria brasileira deve começar o ano em forte ritmo de expansão, embalada pelo desempenho registrado no ano passado, quando no acumulado dos primeiros 11 meses as vendas cresceram 5,1%. A avaliação é da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que ontem divulgou os dados referentes a novembro de 2007, quando as vendas cresceram 6,8% na comparação com o mesmo período do ano anterior e a utilização da capacidade instalada (UCI) atingiu recordes 82,9%. Frente a outubro, a expansão foi mais tímida, de 0,7%. Mesmo assim, trata-se do quinto mês consecutivo de crescimento das vendas nesse tipo de comparação.

"O ano de 2008 entra muito bem, com um embalo bastante forte", aposta o economista da CNI Paulo Mol. Segundo ele, um dado que mostra esse embalo é o patamar atingido pela indústria em novembro do ano passado, frente à média mensal do ano. "Novembro cresceu 3,7% sobre a média do ano, o

que dá uma idéia do carregamento (inércia) para 2008. Como no final do ano estávamos em um patamar muito mais forte do que na média, significa que em 2008 a indústria entra em ritmo bastante forte", explica.

Se não houver contratemplos, acredita o economista, o ritmo de crescimento em torno de 5% ao ano se manterá em 2008. No entanto, Mol alerta que entre os fatores de risco estão o recrudescimento da inflação, o conservadorismo do Banco Central (BC) na condução da política de juros e o cenário internacional, principalmente devido ao risco de recessão nos Estados Unidos. "Todos esses fatores podem causar alguma turbulência em 2008." Do crescimento de 5,1% nos primeiros 11 meses de 2007, mais da metade veio de três setores industriais: máquinas e equipamentos (1,1%), alimentos e bebidas (1%) e veículos (0,9%). Apenas dois setores registraram queda nas vendas em relação a 2006 — produtos químicos (-0,1%) e material eletrônico e de comunicação (-0,5%).

Em novembro do ano passado, a utilização da capacidade

instalada na indústria ficou no mais alto patamar da história, 82,9%, pouco acima dos 82,8% registrados no mês anterior. Em novembro de 2006, a UCI estava em 81,3%. De acordo com o economista-chefe da CNI, Flávio Castelo Branco, o cenário é de "razoável tranquilidade" em termos de pressão inflacionária. Segundo ele, mesmo com o nível recorde de utilização da capacidade, a indústria está investindo na ampliação de seu parque produtivo, e por isso terá condições de atender a demanda nos próximos meses.

Além do crescimento das vendas, os dados da CNI mostram expansão das horas trabalhadas (3% frente a novembro de 2006 e 3,9% nos primeiros 11 meses do ano) e do pessoal empregado na indústria (4,2% e 3,8%). Já na comparação com outubro, novembro registrou queda nas horas trabalhadas (-0,5%) e no nível de emprego (-0,1%). "O comportamento do emprego frente a outubro chama a atenção porque é a primeira queda em 24 meses, mas ainda é cedo para falar em inversão da tendência de crescimento do nível de emprego no setor", afirma Paulo Mol.

**NEGOCIAMOS COM A MONTADORA
VANTAGENS INCRÍVEIS.
APROVEITE. É POR POUCOS DIAS.**

festival SENTRA



**NISSAN
SENTRA**

O ÚNICO COM CÂMBIO AUTOMÁTICO
XTRONIC CVT

3 ANOS DE GARANTIA

**0,99%
TAXA DE
SEM ENTRADA**

Promoção válida até 25/01. Taxa de leasing de 0,99% a.m. em até 60 meses sem entrada, sujeito a aprovação de crédito. Limitado ao estoque da concessionária. foto ilustrativa.

NISSAN

Premier

SIA TRECHO 1
3362-4040

